

# IMEDIATISMO E CRUELDADE: ELEMENTOS DE BARBARIE NA CULTURA JUVENIL<sup>1</sup>

*Antonio Alberto BRUNETTA\**

*Estou sentado à beira do caminho.  
O condutor troca a roda.  
Não gosto de estar lá de onde venho.  
Não gosto de estar lá para onde vou.  
Por que olho a troca da roda  
Com impaciência?  
Bertolt Brecht (2000, p.324).*

Admitir que a violência expressa a gratuidade das experiências de jovens num mundo cada vez mais desprovido de sentido talvez seja muito duro, tanto para os jovens que cometem crimes com crueldade, como para aqueles que são suas vítimas. No entanto, para as gerações de décadas anteriores, há também um sentimento de perda relacionado ao fato de que a violência deixou de ser instrumento para a luta cívica por direitos e contra a opressão.

O impacto dessa constatação resulta de uma mudança histórica sentida por todos, mas relacionada especificamente à condição dos jovens atualmente. Afeta a condição desses sujeitos, tendo em vista o esvaziamento de sentido imediato da vida frente ao recrudescimento das condições de dilaceramento da identidade e da impossibilidade vislumbrada de interferir no âmago dos processos sociais.

Neste sentido, o livro *Jovens rebeldes: um estudo sobre jovens delinquentes de São Paulo*, de Antonio Sérgio Spagnol, corresponde a um alerta quanto a urgente necessidade do restabelecimento de sentido para a vida desses jovens,

---

\* Doutorando em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – albertobrunetta@uol.com.br

<sup>1</sup> Resenha da obra: SPAGNOL, A. S. *Jovens perdidos: um estudo sobre jovens delinquentes na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2008.

preferencialmente fora do campo das relações violentas, mas também não deposita plena confiança nos atuais modelos de políticas para a juventude, sejam elas de emprego ou de cultura, pois considera que as alternativas a este estado de coisas devam ser, no mínimo, de amplitude semelhante à das condições que geram esse mal-estar.

Há na reflexão de Spagnol algo que merece especial destaque: o trabalho de campo primoroso, em muitos sentidos. Pela ousadia e seriedade ao buscar nas famílias a confirmação dos depoimentos epopéicos dos jovens; pela coragem em percorrer lugares que outros pesquisadores, mesmo tratando deste tema, não percorreriam; pela honestidade com suas fontes, à medida que nada lhes ofereceu e conseguiu – na solidão de uma pesquisa individual – o envolvimento destes jovens com as questões; pela sinceridade com os leitores, que pode ser notada na linguagem bastante clara e acessível com a qual desenvolve a narrativa, atendendo as expectativas de todos os públicos que se interessem pelo tema.

O rigor e complexidade da metodologia não são obstáculos à leitura da obra, pelo contrário, ajudam a sustentar suas afirmações e oferecem uma visão em retrospectiva da realização da pesquisa, como se o leitor acompanhasse o autor nessa arriscada etnografia.

O trabalho de campo, como o próprio pesquisador afirma, mesclou medo e prazer e, mesmo diante de tamanha tensão e adversidades, não houve negligência quanto ao objetivo de buscar

[...] entender de que maneira esses jovens praticam esses atos delinquentiais e que elementos estão envolvidos nesse mecanismo de ação [...] a intenção da pesquisa não é identificar os elementos que levam os adolescentes à marginalidade, mas entender como, uma vez nesse meio delinqüente, o jovem lança mão de todo tipo de crueldade para suas vítimas. (SPAGNOL, 2008, p.25-26).

No cerne do esforço metodológico, as expectativas do pesquisador se apresentam a partir da convicção de que o preconceito é umas das formas cruéis de violência e, para resistir a isso, busca delinear o objeto de sua investigação em espaços muito distintos. Ao entrevistar jovens residentes em bairros periféricos, municípios pobres e favelas (Capão Redondo, Jardim Ângela, Taboão da Serra, Embu e Paraisópolis) e bairros luxuosos da capital paulista (Moema, Morumbi, Itaim Bibi), não se esquiva em considerar que a desigualdade material tem extrema importância na produção das condições que geram esse estado de coisas, mas admite que a “pressão civilizatória” se impõe sobre ambos os grupos, promovendo a despersonalização cujos efeitos são, em certa medida, bastante semelhantes.

Enquanto o jovem pobre se vê impotente diante das diversas carências de ordem material, também assim se sente o jovem de classe média diante da abundância, isto porque sua vida, em meio à necessidade de manutenção do *status* de sua família, é prognosticada sobrando pouco espaço para decisões individuais.

Afirmar que o crime entre adolescentes não é exclusividade de classe, e que há trajetórias absolutamente diferentes no interior de uma mesma classe, não significa ignorar que entre as classes mitigadas pela “subcidadania” o contexto geral se apresenta de modo ainda mais restritivo, como é possível perceber nos depoimentos de jovens que não buscam a criminalidade como saída para sua condição. Segundo um dos irmãos de um jovem delinqüente: “quero sair daqui, mas não quero sair morto” (SPAGNOL, 2008, p.70).

O livro traz surpresas quanto a uma de suas teses centrais, qual seja, a demonstração de que os jovens não atuam predominantemente em gangues. Há uma forte influência dos meios de comunicação em retratar as infrações juvenis como resultantes de uma modalidade também organizada de crime, tal como o tráfico de drogas. Entretanto, conforme constatação de Spagnol por meio das entrevistas, os crimes realizados por jovens são também, eles próprios, em grande número de vezes, absolutamente desprovidos de sentido, seja ele financeiro ou moral (vingança), etc.

Outra justificativa desta tese é a de que

[...] se a união em gangues, ou em outras modalidades de associação, oferece num primeiro momento segurança [aos jovens que as integram], essa mesma segurança pode ser convertida em segregação por parte da comunidade que olha essa união como sendo uma ação de marginais. (SPAGNOL, 2008, p.25).

A relação que sustenta essas atividades criminosas é concomitantemente efêmera e densa, pois “[...] não há outra ligação entre os membros além da amizade ou confiança de que, principalmente, não haverá delação. O vínculo dura o tempo da ação. O que vier a acontecer depois decorre de outros fatores.” (SPAGNOL, 2008, p.42).

Dessa afirmação salta aos olhos uma desagradável surpresa: o *quantum* de violência dos crimes cometidos pelos jovens não é regulado pela organização ou desorganização de seus grupos, ou seja, a situação de vulnerabilidade frente a esses crimes adquire aleatoriedade crescente, enquanto a violência se mantém. A ausência de critérios desses crimes torna difícil a compreensão de seus condicionantes, e o grau de dificuldade se amplia para as iniciativas que pretendem controlá-los.

Além de enfrentar as dificuldades com a burocracia, empecilho ao acesso aos processos, dificuldades em encontrar as fontes e nas tentativas mal sucedidas de diálogo com os internos da FEBEM (hoje, Fundação Casa), que demandavam ao autor ver além da auto-afirmação e da carência expressas no imediato das falas, Spagnol empenhou-se também em analisar, através de depoimentos de jovens que cometeram infrações graves, como se dão essas ações e o prazer envolvido no ato violento como indicador de sentido em suas vidas.

Entender como o prazer e a sensualidade aparecem nas ações desses jovens, revelando um lado escuro de um mundo violento, exigiu a aproximação com a Antropologia e a Filosofia, exercício para o qual o autor demonstrou habilidade e seriedade, sobretudo em se tratando de algo tão necessário diante de questão tão complexa, principalmente diante de depoimentos marcantes, tanto pelo seu conteúdo, quanto por serem acompanhados de gargalhadas. “Já colocou um cano na cabeça de alguém? Não? Dá o maior tesão.” (SPAGNOL, 2008, p. 48).

A crueldade desses jovens parece reproduzir o que existe socialmente. E reflete uma fragilidade proporcional à violência que cometeram.

Frágeis à proporção da violência que praticam, esses jovens, excluídos ou *pit boys*, manifestam, por meio de certo culto a proeza, a tentativa de construir uma identidade pautada pelo *ethos* da masculinidade, por uma cultura viril, por um fascínio pela destruição e pelo prazer em dominar. Todavia, o jovem criminoso não se faz vítima, nem mesmo herói. A irreversibilidade da sua condição é considerada real a partir do prazer atribuído à capacidade de matar, como se a irreversibilidade da vida que se eliminou fosse transferida para o jovem assassino como uma marca indelével, com a qual o melhor, ou a única coisa a ser feita, é assumir esta marca como fundamento de sua identidade, igualmente irreversível.

Em meio ao tratamento do aparato conceitual (marginalidade, exclusão, segregação, criminalização, etc.) que envolve a discussão sobre delinquência, Spagnol recorre às pertinentes chaves conceituais de Norbert Elias para as quais a autopromoção dos “estabelecidos” produz o sentimento de inferioridade estigmatizado nos *outsiders* obrigando estes a manterem-se em seus lugares.

Entretanto, há uma marca implícita da sociologia figuracional de Norbert Elias no livro “Jovens Rebeldes”, pois este revela questões de grande relevância sociológica com ocorrências numericamente pouco significativas. A pesquisa de Spagnol revela que aquilo que pode ser considerado relevante do ponto-de-vista estatístico, pode não ser considerado relevante do ponto-de-vista sociológico, e vice-versa.

Ter como horizonte um futuro cada vez mais comprimido pelo imediatismo próprio à sociedade do consumo e um ambiente de sociabilidade no qual o outro não existe, prevalecendo a indiferença generalizada, garante as condições para a

ampliação da sensação de desamparo que se desenvolve em sentidos perversamente complementares: a construção de um estilo de vida hedonista, para o qual o crime, a delinqüência, o roubo, são coisas que dão prazer por si; e a busca por emoções furtivas, a partir de experiências nas quais o desejo seja capaz de seduzir e consolar.

A crueldade desses crimes sem sentido (*Senseless Crime*), que se verifica nas análises de Spagnol, sugere um processo de **dupla reificação**. A vítima da ação violenta e cruel é, obviamente, tomada como objeto por seu agressor, porém o próprio sujeito da ação pode ser considerado como um objeto à medida que parece não possuir vontade própria ao ser possuído pelo desejo, imediato e cruel.

A representação da violência cruel, como resultado de um caldo de cultura imediatista e sem sentido, permite a compreensão - às avessas - de que esta mesma violência é responsável pela produção de um mundo onde se tenta subverter a hierarquia e aquela ordem [imaginária] na qual o jovem deveria ser sujeito passa a ser re-estabelecida pela negação da ordem existente, mesmo que isso implique a eliminação total do outro, até porque esse outro sequer existe neste cenário de absoluta individualização. Assim:

Não se trata de violência contra o indivíduo, especificamente, mas sim ao que o indivíduo ou indivíduos representam. Destruindo-o tenta-se na verdade, destruir o que oprime, o que os segrega, o que o inferioriza. Destruir o outro é a tentativa de estabelecer um sentido de pertencer e/ou ter algo que lhe é negado. (SPAGNOL, 2008, p.142).

A citação de Brecht merece ser retomada como base para um questionamento destinado a esses jovens: o que sentir, pensar e fazer enquanto se espera? O quadro se torna ainda mais assustador quando se imagina que, em tempos como o atual, a paciência não deva ser considerada pura e simplesmente uma virtude.

## REFERÊNCIA

BRECHT, B. **Poemas 1913-1956**. São Paulo: Ed. 34, 2000.